

# A IMPRENSA

28 DE NOVEMBRO  
DE 1897

# A IMPRENSA

ORGAN HEBDOMADARIO, DOCTRINARIO E NOTICIOSO

ASSIGNATURAS

DENTRO DA CAPITAL

ANNO 1.<sup>o</sup>  
 ANNO ..... 128.000  
 Semestre ..... 65.000

Surge et Ambula

(A T. APOST. C. III V 63)

ASSIGNATURAS

FORA DA CAPITAL

Anno ..... 14.000  
 Semestre ..... 7.000

N. 27

## «A IMPRENSA»

PARAHYBA 28 DE NOVEMBRO DE 1897

## PRO PATRIA

A situação de nosso país vai se tornando cada vez mais crítica; os seus destinos parecem perigar em meio de tantas lutas, de tantos acontecimentos que nos deixam antever achar-se ameaçada a existência e estabilidade de suas instituições.

A nossa pátria, virgem até agora de tantas calamidades, tem razão sobreja para envergonhar-se de sua sorte e com mão tremula vai registrando feitos que desdoram a honra de um país culto e civilizado e legarão a posteridade o testemunho indelevel da phare pela qual vai passando.

Serprehendem-nos continuamente notícias tristes e dolorosas; registramos de dia para dia acontecimentos que magoam o coração da pátria brasileira e tornam mais lancinante o seu martyrio.

Já não nos preocupa tanto o pensamento de indagar a sua origem, como o da esperança de um paradiço a tantos males. Vemos com pavor e horror, o quadro negro que se nos apresenta mostrando qual o papel que o Brasil vai representando entre as nações. No interior lutas partidárias, commoções intestinas, no estrangeiro nota mais repugnante, o descrédito.

Levantamos os olhos para o alto; talvez aquellos que dirigem os destinos da pátria, nos deem uma palavra de conforto que venha sustentar a nossa fraqueza e animar a esperança. Temos de um dia que seja como a aurora alvicaresca da paz e tranquillidade que aspira um povo de um passado glorioso. Dissimulamos até os pontos em que pode falsear a fraqueza humana a fim de que sempre firme e illesa conserve essa esperança, mas cahimos por sobre nós mesmos feridos de um frio de alento ao choque de uma tremenda illusão. Baralhados os destinos da pátria por entre as lutas partidárias, desvirtuada a lei, descreditada a autoridade publica, desprezado o caracter do cidadão, que garantia nos resta para confirmar a nossa esperança?

Cora-nos de rubor a face quando annunciamos os nomes dos que primeiro se tem tornado réos de lesão patriótica; punge-nos immensa dor termos que as primeiras victimas oppressão são precisamente aquelles que deviam ser os usufructuarios bem e da paz. O povo sempre a gerir, e os seus mandatarios a cavaleiro de frio indifferentismo aos seus lumes. A pátria, outr'ora vultuante que concitava as mais ardentes sympathias, convertida em scenario de horrores, victimas ella mesmo grandes calamidades!

O poder é um sonho dourado que os podem sonhar, galgal-o é uma ração commum, cuja realidade, se ella, se procurará antecipar, custe o que custar, se fugitiva, dará origem

a crimes hediondos. A justiça, o fiel de todas as responsabilidades, em completo esquecimento quando se ventila a causa das classes opprimidas e só lembrada, antes calcada aos pés quando ferem-se mesmo de legos os interesses dos mais poderosos.

Debalde uma voz que repete: *Omnis potestas a Deo*; que o poder não é um condão de gloria, mas sim um elo que prende o individuo a collectividade e esta a Deus, que provido e benéfico vela constantemente sobre os destinos da humanidade. Clama-se, mas em vão, que a justiça é a cupola de todo edificio social, que é a primeira a impulsionar o grande, o forte, o poderoso ao cumprimento do dever e a primeira a sustentar e amparar o direito do pequenino fraco, que o respeito e submissão a autoridade legitimamente constituída é o primeiro dever do subdito, quando não a marcha da sociedade será desastrosa, senão impossível; que pode-se muito bem administrar a justiça sem desdouro da propria dignidade e fruir os bens que a verdadeira liberdade promette sem offensa á lei, mas estas são como vozes que se perdem no deserto, porque se acham suffocadas por um sentimento que hoje a tudo preside, uma força que a tudo impelle—a ambição.

Opiniões que se defendem, principios que se estabelecem, systemas que se fundam, partidos que se organizam, todos cívicos desse sentimento baixo e mesquinho, que inculcado apenas em o meio social, não tarda e bem cedo começa a sua ingloria campanha—a da viangança e oppressão.

Estamos á cabeceira de um seculo e já começamos a saudar o advento de outro. E' para desejar-se ardentemente que com a agonia deste terminem as maguas que torturam o coração da pátria, que se extinga o fogo das paixões e caprichos partidarios, quando não vel-a-hemos precipitada em mais profundo abysmo, respirando somente a atmosphera pestilenta do despotismo e da anarchia e relembrando o passado teremos o direito de exclamar: *O tempora! o mores!*

Espera porem, o meu Brazil, espera que o braço de Deus, que não dorme, vela tambem por ti, ha de melhorar a tua sorte, e conduzir-te seguro pelo caminho da felicidade.

Curva reverente a tua cerviz á primeira arvore implantada em teu solo; abre teus olhos a primeira luz que dissipou as trevas da infidelidade em que jazias; deixa cahir livremente aquella primeira semente que lançada em teu solo uberrimo, nasceu, cresceu, presidiu as tuas instituições sem que o vendaval das paixões podesse derrocal-a.

*Stat Cruz dum voluitur orbis.* Que de mais firme, de mais duradouro podes mostrar em o quadro de tua historia? Procura a egide segura que te pos sa livrar do abysmo que se te vai abrindo aos pés, o templo augusto em que te possas refugiar e amparar dos golpes tremendos da perseguição atroz que fillos ingratos descarregam sobre ti?

Lembra-te que da Cruz de Cristo é o nome! A ella debes o que tens de mais glorioso em teu passado. Ensina a teus fillos conhecer e amar o verdadeiro Deus, e elles aprenderão juntamente as lições santas do verdadeiro patriotismo.

## O ANALPHABETISMO

O objectivo da nossa melindrosa missão consiste em contemplarmos o quadro contristador do analfabeto perante a sociedade, em calcularmos os males e as perturbações, que o analfabetismo tem derramado em seu seio.

De feito, o analfabeto é o infeliz, que soffre todas as privações sociais.

O algarismo dos crimes se augmenta com esta misera classe, d'onde surge a necessidade de se mandar as crianças ás escolas, visto que sem a instrução não ha felicidade possível neste mundo.

Perante o Estado, a sociedade civil e religiosa não passa de um ente racional, que não faz inveja aos irracionais, educados e sem deveres, mas não tem direitos.

No Estado vive privado de todas as funções politicas.

Se outr'ora permittia-se que o analfabeto votasse nas comicias populares, era certamente com o fim de acender em seu peito o fogo do patriotismo, de excitar-lhe o brio e o estimulo de tornar-se digno e apto para ser votado.

Quem não sabe ler, nem escrever não tem a capacidade precisa de intervir com o seu voto na direcção dos negocios publicos.

Em taes circumstancias, só pode servir de ponto strategico, ora do absolutismo dos Governos, ora da especulação dos ambiciosos.

E' inconsciente portador de um recado, que elle não comprehende.

Para obviar esses males, e mister o ensino obrigatorio, porque só desta arte se porá termo á suspensão dos direitos politicos, a mais nobre prerogativa do cidadão.

Perante a sociedade civil, não é menos lastimavel a situação do analfabeto.

Ahi está sujeito a uma tutela permanente, não sabe abrigar-se, nem conhece as obrigações que contrahe; é um pupillo perpetuo.

Na familia, que papel representa? Que futuro o aguarda? Quem tudo ignora, o que pode ensinar?

As nossas expressões estão dizendo—nada, absolutamente.

Na sociedade religiosa, não é menos triste a sua posição.

Materialmente conhece certos deveres para com a Divindade, desde que não pode ter a verdadeira comprehensão, derivada da ausencia do livro, da penna, unicos elementos para a cultura da intelligencia.

De que modo pode figurar nas transacções da vida civil?

Sempre debaixo da protecção de

escrever; nenhum acto civil pode por si praticar sem interferencia de vontade alheia, que afinal é a que prevalece sobre a do pupillo perpetuo.

Quasi sempre é victimas da fraude e de abuso de confiança, só pode ser equiparado ao menor em ao interdito, sem contudo ter a vantagem, que estes gozão de estarem sob a tutela e vigilancia da lei, que os defende em sua fraqueza e ignorancia.

Sobreleva notas que o nossoCodigo Criminal trançou as portas, que dão entrada a profissão mercantil ao infeliz analfabeto, como são as obrigações impostas aos commerciantes; ao passo que oCodigo Penal com larga franqueza lhe abre as portas das prisões.

Es para elle em que consiste a lei da compensação.

A carreira dos crimes está implantada no alphabetismo.

Em ultima analyse, derrame-se a instrução, como diz Chateaubriand, sobre a cabeça do povo, de-se-lhe esse baptismo.

## Catholicismo da Igreja

(Continuação)

Chegamos á nota, que caracteriza a Igreja de Jesus Christo; no meio de tantas divergencias, os nossos adversarios mais encarniçados não cesam de chamal-a catholica, distinguindo-a d'esta arte de qualquer outra Igreja.

Ao lançar nossas vistas sobre o mundo civilizado, e o que ainda está immer-o na escuridão do paganismo, contemplamos a Jesus Christo, por intermedio da sua Igreja, dominando as nações, recebendo o incenso da adoração dos povos, os deveres de submissão e de respeito; vemos-o aclamado pelas nações que sentem se atrahidas pela palavra e pelas maximas civilizadas do Divino Crucificado.

O que ainda enche mais de jubilo ao verdadeiro catholico é o espectáculo da dedicação d'essas almas, que começam nos paizes longinquos, a praticar a religião, sob a direcção do apostolo's denodados do bem; a fé que se apodera d'ellas é tal que julgamos estar nos primitivos tempos da Igreja, nas eras de fervor em que os fieis só tinham um coração, uma só alma. «*Cor unum et anima una.*»

Teremos assim mais uma prova convincente e inconcussa da divindade da Igreja catholica, pois os proprios adversarios chamam a Igreja de catholica; a considerarmos o sentido genuino d'esta palavra, dozimos que nos tornamos armas para derribarmos o edificio caruncho

do erro, do racionalismo, e de todas as exhibições do orgulho humano.

Provaremos que a Igreja catholica pelas proprias palavras do Divino Salvador, que a exige, como uma divisa da sua Igreja; provaremos pelos factos que estão sob os nossos olhos desde a promulgação do Evangelho, factos estes que são a realisação de uma prophesia; de uma promessa de Jesus Christo, portanto essa prophesia é um milagre de primeira ordem em favor do catholicismo.

S. Paulo, com todo o arrojo de sua intelligencia de eleição não mostrou-nos em quadros vivos e coloridos de eloquencia, a Jesus Christo, honte-u, na Igreja primitiva, passando ao mundo inteiro com o heroismo, a abnegação, a coragem e deificação á causa da religião que patenteavam os fieis dos primeiros tempos? S. Paulo, no o mostra, não commoção, quando soberanamente sobre as almas que amão-no,

que sabem sacrificar-se por elle, que no meio de tanto indifferentismo revelam-se fervorosas, no meio de tantas voluptuosidades, mostram-se penitentes, mortificadas; no meio de tanta baixura de animo e de caracter, sobressaem pela enérgia, virilidade e deãodo em defenderem com o custo da vida, a religião pregada da ara sagrada do Calvario! No futuro, nos seculos vindouros quem nos poderá narrar as maravilhas os progressos, as conquistas do catholicismo, lá nas paragens desconhecidas, lá nos paizes inhospitos, lá onde estão plantadas as arvoredos do despotismo, e da superstição, esperando a hora em que a foice do Evangelizador dos povos, do missionario catholico, as doite abaixo, para semear a doutrina de Jesus, para seguil-a; se preciso for, com o seu sangue, e senão com os seus suores, suas fadigas e cansaços até que erga se magestosa a arvore da Cruz, estendendo os seus frondosos ramos para amparar assim novo povo, uma nova nação, patrimonio sagrado de Jesus Christo, e nteros e convictos adoradores de seu nome e dispostos a obedecerem em toda á sua santa e adoravel vontade, no intuito de se santificarem?

Jesus Christo, ao confiar a missão divina aos seus Apostolos, disse-lhes: «Pregai o Evangelho a toda creatura, instrui á toda a nação, baptizando-as em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Guardai-vos de não esquecer a regenerar a humani-







